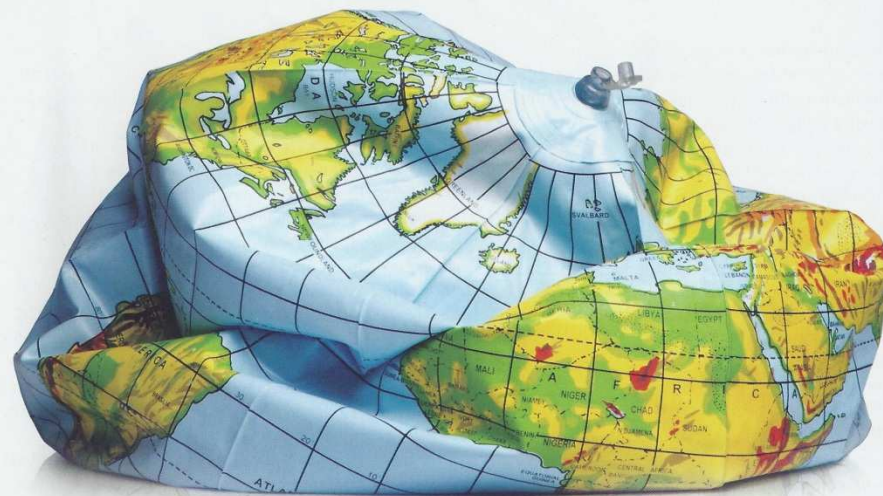


Nações mais que sustentáveis

NO ÚLTIMO SÉCULO, ATINGIMOS UM ELEVADO NÍVEL DE RIQUEZA E CONFORTO. POR OUTRO LADO, ASSISTIMOS À LAMENTÁVEL DEGRADAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E ÀS PRECÁRIAS CONDIÇÕES EM QUE VIVEM MAIS DE UM BILHÃO DE SERES HUMANOS.

» por Lucimar Fernandes e Eurídice Mamede de Andrade*



Atualmente, o desafio para a humanidade é a construção de uma sociedade moderna e sustentável. Como manter e até mesmo ampliar o crescimento econômico e os inúmeros benefícios acumulados a partir do conhecimento e avanço da tecnologia, com a preservação da natureza e a justiça social?

Antes de tudo é necessário definir um novo modelo de desenvolvimento, fundamentado em crenças e valores, que privilegie não somente os indicadores do desempenho econômico e financeiro, mas, principalmente, o equilíbrio dos indicadores socioambientais. E este desafio diz respeito a todos os

segmentos da sociedade, que devem refletir sobre o futuro que queremos.

No texto “Grande Transição – a promessa e o encanto do futuro”, Raskin, Banuri et al (2002), utilizando-se da técnica de previsão de cenários, apresentam algumas das principais características possíveis do mundo no futuro. A metodologia de previsão de cenários oferece esta oportunidade de visualizar diversas possibilidades futuras, a longo prazo e ao mesmo tempo.

Admite-se que qualquer previsão surge carregada de uma dose de indeterminação e imprecisão. Todo futuro é imprevisível, mas observando os comportamentos atuais que consomem os recursos

naturais até limites críticos, algumas imagens podem ser previstas com rigor científico, mantidas as alternativas atuais, pois qualquer escolha diferente alteraria a imagem do cenário futuro.

No relatório das *Grandes Transições* aparecem três grandes classes de cenários que se subdividem em cenários específicos, como descritos resumidamente no quadro a seguir:

CENÁRIOS GLOBAIS E ESPECÍFICOS	
Macrocenários	Cenários com Variações Específicas
MUNDO CONVENCIONAL (Conventional World)	FORÇAS DE MERCADO
BARBARIZAÇÃO (Barbarization)	REFORMAS POLÍTICAS
GRANDES TRANSIÇÕES (Great Transitions)	COLAPSO
	MUNDO FORTALEZA
	ECO-COMUNALISMO
	SUSTENTABILIDADE

Fonte: Andrade, et al (2006)

Os macrocenários diferem entre si, a despeito de partirem do mesmo momento histórico.

PERSPECTIVAS FUTURAS

No *Mundo Convencional* presume-se que haverá uma continuidade do comportamento das forças que dominam o mundo de referência atual.

No cenário de *Barbarização*, as mudanças de comportamento ocorrem, mas são desfavoráveis à continuidade do planeta, e nas *Grandes Transições*, o comportamento muda para melhor e transformações sociais importantes são implementadas para garantir a sobrevivência da humanidade.

Na hipótese das *Forças de Mercado* (na expressão original, *market forces*), os comportamentos atuais seriam mantidos e acentuados os problemas contemporâneos.

O crescimento econômico continuaria sendo a prioridade das nações. Produzir, vender e consumir sem responsabilidade social ou ambiental são hábitos enraizados nas pessoas e corporações. Haveria aumento da degradação do meio ambiente com poluição crescente do ar, mais dificuldade para acesso à água potável e maior concentração de renda, aumentando a diferença entre ricos e pobres.

A população continuaria a aumentar nas regiões mais pobres das cidades, acentuando os conflitos sociais decorrentes da ausência de saneamento, educação, cultura e de bens essenciais para uma vida decente.

OS DIFERENTES CENÁRIOS

No caso das *Reformas Políticas* (*policy reform*, no termo original), evidencia-se uma forte dependência de ações públicas para resolver os problemas contemporâneos e traçar um futuro mais razoável. Existiria uma tentativa de conjugar o crescimento econômico com ações governamentais que busquem melhor distribuição da renda, maior proteção do meio ambiente, apesar do comportamento consumista permanecer na moda.

A população poderá crescer mais moderadamente em função de ações políticas de contenção. Pode-se notar uma melhora na equidade, mas as desigualdades sociais continuam. Políticas públicas estimulam os investimentos em tecnologia para melhorar a produção e o consumo de recursos naturais. Os conflitos sociais podem diminuir em resposta ao esforço político.

No cenário do *Colapso* (*breakdown*), a humanidade parte do atual mundo de referência fazendo escolhas equivocadas. No aspecto econômico, haveria um crescimento descontrolado das atividades industriais poluidoras, haveria depressão da economia, com o PIB global decrescendo fortemente.

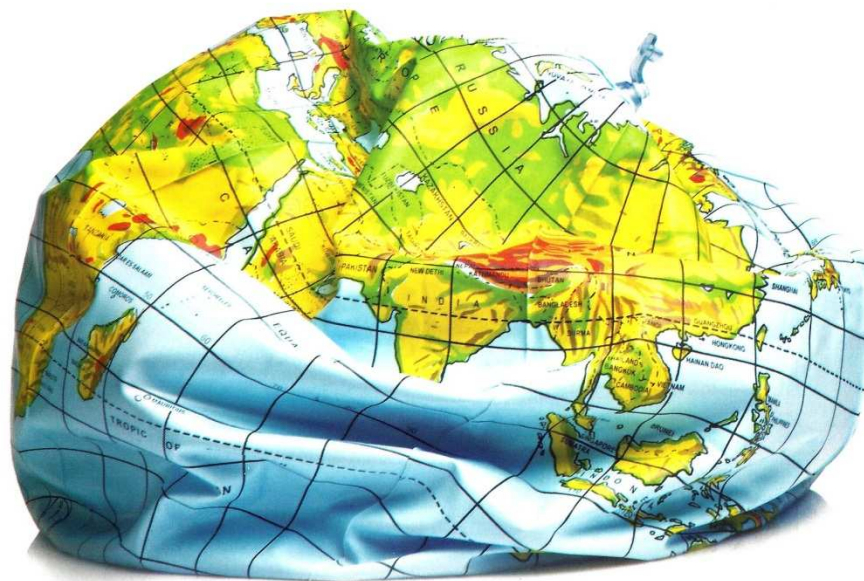
Os aspectos ambientais também pioram com as mudanças climáticas, a pesca marítima entra em colapso, a agricultura é afetada, a fome cresce e fica evidenciado um decréscimo na taxa de crescimento populacional afetada pela mortalidade crescente.

O avanço tecnológico continua, mas o conhecimento científico concentra-se nas mãos de pessoas que têm em sua retaguarda interesses econômicos específicos e privados. Aumentariam os conflitos militares e sociais, haveria discórdias internacionais e regionais, a violência aumentaria e se instalaria um clima de barbárie, de anarquia, ou seja, de rompimento.

O MUNDO FORTALEZA

Tendo o mundo atual como referência, no caso do *Mundo Fortaleza* (*fortress world*) tenta-se controlar o crescimento econômico através de políticas que visam a uma melhor distribuição de renda e maior proteção ambiental. São feitas alianças que beneficiam poucos, acentuando o desnível social. Dentro das "fortalezas" há equidade, mas do lado de fora a pobreza está maior e o acesso aos recursos é negado.

A população ainda cresce bastante. Existem medidas políticas que aumentam a segurança e o controle das áreas de reserva mineral, água potável e reservas biológicas, melhorando a recuperação ambiental. As



inovações tecnológicas são mantidas nas fortalezas, mas num ritmo menos acelerado. Os conflitos entre ricos e pobres são acentuados, somente as forças armadas poderiam impor a ordem. Fora das fortalezas não há segurança.

Quanto ao *Eco-comunalismo* (*eco-communalism*), neste cenário a humanidade faria a escolha pela criação de comunidades regionais atraídas por características comuns. Seriam estruturas regionais de pequenos grupos sociais. Neste contexto, a preocupação com o meio ambiente cresce em função da conscientização destes grupos. A população decresce e as comunidades ficam mais autossuficientes, aparecendo maior equidade entre ricos e pobres, apesar das reduções da atividade econômica e do comércio internacional. A tecnologia sustentável avança, mas sem grande aceleração. Os conflitos diminuem, mas ainda ocorrem alguns comportamentos agressivos devido às diferenças culturais, sociais ou religiosas entre os grupos regionais.

O último e mais desejável cenário é o *Novo Paradigma da Sustentabilidade* (*new sustainability paradigm*). Neste

caso, a sociedade alcança novos valores, reconhece o consumo básico suficiente, o que permite um desenvolvimento coletivo. A equidade social é crescente entre países e cidadãos; medidas políticas globais ajudam a estabilizar o crescimento da população. O meio ambiente melhora sensivelmente através da adoção de tecnologias corretas e medidas de educação ambiental. Os investimentos em ciência e tecnologia aumentam e os conflitos diminuem drasticamente.

Parece que é no cenário da *Sustentabilidade* que desejamos chegar, mas estamos vivendo no mundo de referência, no mundo convencional, o qual é controlado pelas forças de mercado e pelas forças políticas.

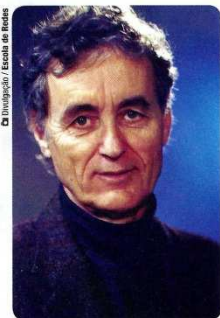
Sobre a compatibilidade entre economia e ecologia, o estudioso da competitividade em nível internacional **Michael E. Porter** registra importantes reflexões em "*Competição – estratégias competitivas essenciais*".

O reconhecimento da distância que separa a atual situação para uma sociedade sustentável fez surgir novas pesquisas científicas e novo arsenal tecnológico, de forma a balizar o curso



CITOU

Michael E. Porter
"Essas velhas dicotomias são falsas e representam uma perspectiva cada vez mais obsoleta. Os objetivos sociais e econômicos não são intrinsecamente conflitantes no longo prazo. Uma economia produtiva e pujante exige trabalhadores educados, seguros, saudáveis e com moradias decentes, que se sintam motivados pelo senso de oportunidade. A competitividade econômica não precisa ser sacrificada para a preservação do meio ambiente, pois a poluição decorrente das atividades empresariais resulta da utilização improdutiva dos recursos." (1999, p.19)



CITOU

Fritjof Capra
"Um dos principais desacordos entre a economia e a ecologia deriva do fato de que a natureza é cíclica, enquanto que nossos sistemas industriais são lineares. Nossas atividades comerciais extraem recursos, transformam-nos em produtos e em resíduos, e vendem os produtos aos consumidores, que descartam ainda mais resíduos depois de terem consumido os produtos. Os padrões sustentáveis de produção e de consumo precisam ser cíclicos, precisamos replanejar num nível fundamental nossas atividades comerciais e nossa economia." (1996, p.232).

da mudança com a brevidade que a situação exige.

Cada vez mais são evidenciadas as imensas e profundas interações entre os sistemas econômicos, sociais e ambientais. Somente com o desenvolvimento de uma teoria acerca destas relações interdependentes é que se poderá implementar processos e desenvolver produtos que sejam desejáveis ao consumo economicamente viáveis e, ainda, que possam contribuir para melhorar as condições de vida no planeta.

RECONHECIMENTO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL

Fritjof Capra, na obra *"A Teia da Vida"*, apresenta novas possibilidades de compreender a vida e as relações entre os seres vivos, porém, tal compreensão somente se torna factível se houver ampliação de conceitos e percepções.

Devido à intensificação das pressões dos seus *stakeholders*, as empresas, importantes atores da dimensão econômica, demonstram reconhecer sua responsabilidade social ao ampliar a visão institucional para a declaração de uma nova ética empresarial pautada, principalmente, na transparência das relações com a sociedade.

Muitos fatos contribuíram para a humanidade concluir que é necessário conter a pilhagem ambiental e também

rever a desordem mundial causada pela degradação da qualidade de vida dos povos nos países menos desenvolvidos.

Foi, é, e será preciso rever o modelo de desenvolvimento global, predatório e voltado exclusivamente para a maximização de lucros imediatos e inconsequentes. Urge reformular conceitos e, paralelamente, refletir sobre as ameaças ao planeta e à civilização.

Cada segmento da sociedade, nesse contexto, busca encontrar meios de conciliar os interesses dos indivíduos com a proteção ambiental.

No campo da Medicina, são desenvolvidos estudos para ampliar e melhorar a qualidade de vida do homem. Na área da Economia, há teorias sendo desenvolvidas para reavaliar as questões da economicidade dos meios de produção versus o custo social delas decorrentes.

A engenharia de produtos vem se preocupando com o desenvolvimento de novas técnicas e processos que resultem numa melhor utilização dos recursos naturais não renováveis.

No estudo do Direito, há constantes alterações na legislação e na jurisprudência quanto aos direitos e deveres relativos ao meio ambiente.

A partir do momento que tomou consciência dos efeitos predatórios das ações humanas contra a natureza e dos riscos da continuidade do atual



modelo de crescimento econômico e populacional, a sociedade passou a se organizar e surgiram diversas instituições que, de forma cada vez mais intensa, pressionam e exigem mudanças neste modelo de desenvolvimento.

NOVAS EXIGÊNCIAS

Dentre as novas exigências que a atual conjuntura prepara ao definir os próximos padrões de valores, na transição para uma economia sustentável e de baixo carbono, está a imposição que todos evidenciem sua atuação no campo social e os efeitos de suas ações sobre o meio ambiente, quer sejam positivos ou negativos, em que pese a importância da preservação

do meio ambiente, face à necessidade de exploração de matérias-primas para manter, e mesmo ampliar, o bem-estar nas nações emergentes. Os mecanismos de controle inexistem, são insuficientes ou inadequados para orientar a prevenção, a preservação e a recuperação do meio ambiente e para reduzir o quadro das desigualdades sociais.

A sociedade pós-moderna demonstra interesse em trilhar rumo à sustentabilidade, que acena com a possibilidade de se manter práticas salutares, que propiciem avanços tecnológicos, conforto e, ao mesmo tempo, processem mudanças necessárias à conservação da natureza e ao desejável equilíbrio social. ■

Lucimar Fernandes é mestre em Ciências Contábeis, Presidente do Instituto Interdisciplinar Rio Carioca e Doutoranda em Planejamento Ambiental pelo PPE/COPPE/UFRJ.
 Eurídice Mamede de Andrade professora da FACC/UFRJ.

Divulgação / Shutterstock Images

Sustentabilidade na América Latina

Estudos desenvolvidos desde o século XX, como por Sunkel, sobre a América Latina, identificam que as forças dominantes ou forças de mercado são representadas pelas grandes empresas, que reconhecem os problemas ambientais como ameaças ou obstáculos aos seus negócios, tratando-os na seguinte sequência:

- 1º **Negam as irregularidades ambientais;**
- 2º **Tentam minimizar, simplificar, atenuar, diminuir a importância do problema causado;**
- 3º **Colocam o problema como inevitável, necessário para os benefícios que a empresa proporciona para a comunidade, como empregos, infraestrutura e crescimento; informam que o mercado resolverá o problema quando for preciso, mas acabam transferindo os custos para solucionar os problemas para a sociedade;**
- 4º **Buscam adaptação às imposições legais do Estado, tiram proveito do próprio enquadramento dentro de uma gestão ambiental adequada (normas ISO, certificações ambientais, Balanço Social, selo verde etc.)**

Não digam que não foram avisados!

Quando a crise chega e o novo desastre bate à porta, nem você nem eu temos o direito de pedir desculpas por não termos sido avisados. Somente uma pessoa como Simão o Eremita, que passou a vida encarapitado no alto de uma coluna, bem acima da multidão enlouquecida e fora do alcance da tagarelice (se pudéssemos imaginar façanha semelhante num planeta atravessado por auto-estradas de informação; se houvesse seguidores contemporâneos de Simão o Eremita, eles não iam tirar o iPhone do bolso antes de subir à coluna), poderia alegar ignorância. Não nós, que seguramos na palma da mão aparelhos inteligentes capazes de nos proporcionar de imediato todo conhecimento disponível.

Temos plena ciência, por exemplo, de que estamos sentados sobre uma bomba-relógio ecológica (ainda que raramente se vejam sinais desse conhecimento em nossa maneira cotidiana de agir). Estamos fartos de ouvir que nos sentamos sobre uma bomba-relógio demográfica ("há gente demais, especialmente 'eles', quem quer que 'eles' sejam"). Ou uma bomba-relógio consumista ("Por quanto tempo nosso pobre planeta poderá alimentar esses milhões que batem a nossas portas mendigando à espera de serem admitidos em nossa festa?"). E alguns outros tipos de bomba, cujo número parece aumentar em vez de diminuir. Des-

107

sa forma, o leitor não vai se chocar ao ser advertido de que, entre todas essas bombas, há uma cujo tique-taque ressoa de modo tão funesto quanto as que mencionei, embora tenha ainda menos nossa atenção que as outras.

Poucas semanas atrás podíamos ter ouvido essa advertência (mas quantos de nós a ouvimos de fato?): a da *bomba-relógio da desigualdade*, pronta a explodir em futuro não-muito distante. Um relatório da ONU sobre desenvolvimento urbano baseado num estudo sobre as 120 maiores cidades do mundo alertou que "altos níveis de desigualdade podem trazer consequências sociais, econômicas e políticas negativas, acarretando um efeito desestabilizador para as sociedades"; eles "geram fraturas sociais e políticas que podem se transformar em intranquilidade social e insegurança".

As divisões entre ricos e pobres são muitas, profundas e dão fortes demonstrações de que serão duradouras, como a famosa "teoria da capilaridade", que ajuda os ricos a continuarem ricos e a se tornarem ainda mais ricos, embora seja patente que ela não beneficia os pobres. Até hoje, os efeitos do crescimento econômico acelerado na maioria dos países têm associado de modo inextricável o rápido aumento da riqueza "média" e total com uma rápida multiplicação de privações intoleráveis entre as massas de desempregados e trabalhadores ocasionais e informais.

Embora sejam confortavelmente atenuadas pela distância, essas notícias podem parecer assustadoras para muitos de nós à medida que se aproximam chegadas de terras muito longínquas. Mas, repito, não digam que não foram avisados! Não estamos falando aqui apenas dos camponeses de ontem, amontoados em vergonhosas conurbações dispersas, desordenadas, carentes de recursos, de políticas de gestão e de serviços públicos da África subsaariana ou da América Latina. As Nações Unidas declararam que Nova York é a nona cidade mais desigual do mundo, enquanto grandes e prósperos centros urbanos dos Estados Unidos, como Atlanta, Nova Orleans, Washington e Miami, têm um nível de desigualdade quase idêntico ao de Nairóbi ou Abidjan. Alguns poucos países, sobretudo Dinamar-

ca, Finlândia, Holanda e Eslovênia, parecem por enquanto escapar da tendência universal.

Na visão de senso comum, a questão é a desigualdade de acesso à educação, a carreiras profissionais e a contatos sociais – e, em decorrência disso, uma desigualdade de posses materiais e de oportunidades de fruição da vida. Mas Göran Therborn nos faz lembrar que este não é o fim da história, nem mesmo de seu capítulo mais notável. Além da desigualdade "material" ou "de recursos", há o que ele denomina de "desigualdade vital"¹ – o fato de a expectativa de vida e a chance de morrer bem antes de alcançar a idade adulta divergirem profundamente segundo as diferentes classes sociais e diferentes países.

De acordo com Therborn, "um inglês aposentado, ex-banqueiro ou funcionário de companhia de seguros pode contar com sete ou oito anos a mais de vida pós-aposentadoria que um funcionário da Whitbread ou da Tesco".* As pessoas classificadas nos níveis inferiores de renda em estatísticas oficiais do governo britânico têm quatro vezes menos chances de atingir a idade de aposentadoria que os situados nos níveis mais altos. A expectativa de vida nas áreas mais pobres de Glasgow (Calton) é 28 anos menor que na área privilegiada da mesma cidade (Lenzie) e também na próspera região de Kensington ou Chelsea, em Londres. "As hierarquias de status social são literalmente letais", conclui Therborn.

Há um terceiro caso ou aspecto da desigualdade, acrescenta o sociólogo sueco: A desigualdade "existencial", que "o afeta como pessoa", "que limita a liberdade de ação de certas categorias de pessoas" (por exemplo, o impedimento que recaía sobre as mulheres de entrar em espaços públicos na Inglaterra vitoriana e em muitos países hoje; ou o confinamento de londrinos no East End, cem anos atrás, substituído na atualidade pelos *banlieues* franceses, as favelas latino-americanas ou os guetos urbanos dos

* Whitbread é uma rede de hotéis e restaurantes; Tesco é uma cadeia de supermercados, ambas inglesas. (N.T.)

Estados Unidos). São vítimas da desigualdade existencial as categorias sociais humilhadas, desrespeitadas e inferiorizadas por terem arrancada de si uma parcela fundamental de sua humanidade – como os negros americanos ou os ameríndios (as “nações nativas”, como a hipocrisia do politicamente correto exige chamá-los) nos Estados Unidos; os imigrantes pobres, as “castas inferiores” e os grupos étnicos em vários lugares do mundo.

Recentemente, o governo italiano transformou em lei a desigualdade existencial e sancionou como crime qualquer tentativa de suavizá-la; a lei exige que os cidadãos italianos espionem e denunciem os imigrantes ilegais, ameaçando-os de pena de prisão por ajudar e abrigar esses imigrantes.

Therborn e numerosos observadores têm poucas dúvidas quanto às causas e consequências mórbidas do aumento explosivo da desigualdade humana:

A transformação do capital financeiro num imenso cassino global criou a presente crise econômica que desempregou centenas de milhares de pessoas e criou a necessidade de se dispor de bilhões de libras do dinheiro dos contribuintes. No sul, a crise mundial está gerando mais pobreza, fome e morte. ... A ampliação da distância social entre os pobres e os ricos diminui a coesão social, e isso, por sua vez, significa novas questões coletivas, como o crime e a violência, e a redução dos recursos para solucionar todos os nossos problemas comunais, da identidade nacional à mudança climática.

Mas este também não é o fim da história. Inquietações sociais, agitações urbanas, crime, violência, terrorismo, estas são possibilidades ameaçadoras que prenunciam desgraças para nossa segurança e a de nossos filhos. Contudo, são, por assim dizer, sintomas externos, explosões espetaculares e intensamente dramatizadas de males sociais inflamados pelo acréscimo de novas humilhações às já existentes, são acontecimentos que aprofundam as desigualdades. No rastro de seu crescimento, a

Não digam que não foram avisados!

111

desigualdade lega à sociedade outro tipo de estrago: a devastação moral, a cegueira ética e a insensibilidade, a habituação à visão do sofrimento humano e ao dano que os homens causam a outros homens todos os dias – a gradual mas implacável, paulatina e subterrânea erosão dos valores que dão sentido à vida, tornam viável a coexistência humana e plausível o prazer de viver. O saudoso Richard Rorty conhecia bem os perigos em questão quando dirigiu aos seus contemporâneos o seguinte apelo:

Devemos educar nossos filhos para achar intolerável o fato de que nos sentemos às nossas mesas e, com nossos teclados, recebamos dez vezes mais que aqueles que sujam as mãos limpando nossas latrinas; e cem vezes mais que aqueles que fabricam nossos teclados no Terceiro Mundo. Devemos ter certeza de que eles se preocupam porque os países que se industrializaram primeiro têm centenas de vezes mais riqueza que os ainda não industrializados. Nossos filhos devem aprender desde cedo a considerar que as desigualdades entre sua fortuna e a de outras crianças não decorrem da vontade de Deus nem constitui um preço necessário a pagar pela eficiência econômica, mas é uma tragédia evitável. Eles devem começar a pensar o mais cedo possível que se pode mudar o mundo para assegurar que ninguém passe fome enquanto outros se fartam.²

Já está mais que na hora de parar de dizer que não fomos avisados. Ou de parar de perguntar por quem os sinos dobram cada dia mais fortemente.

A FILOSOFIA PARA QUESTÕES URGENTES

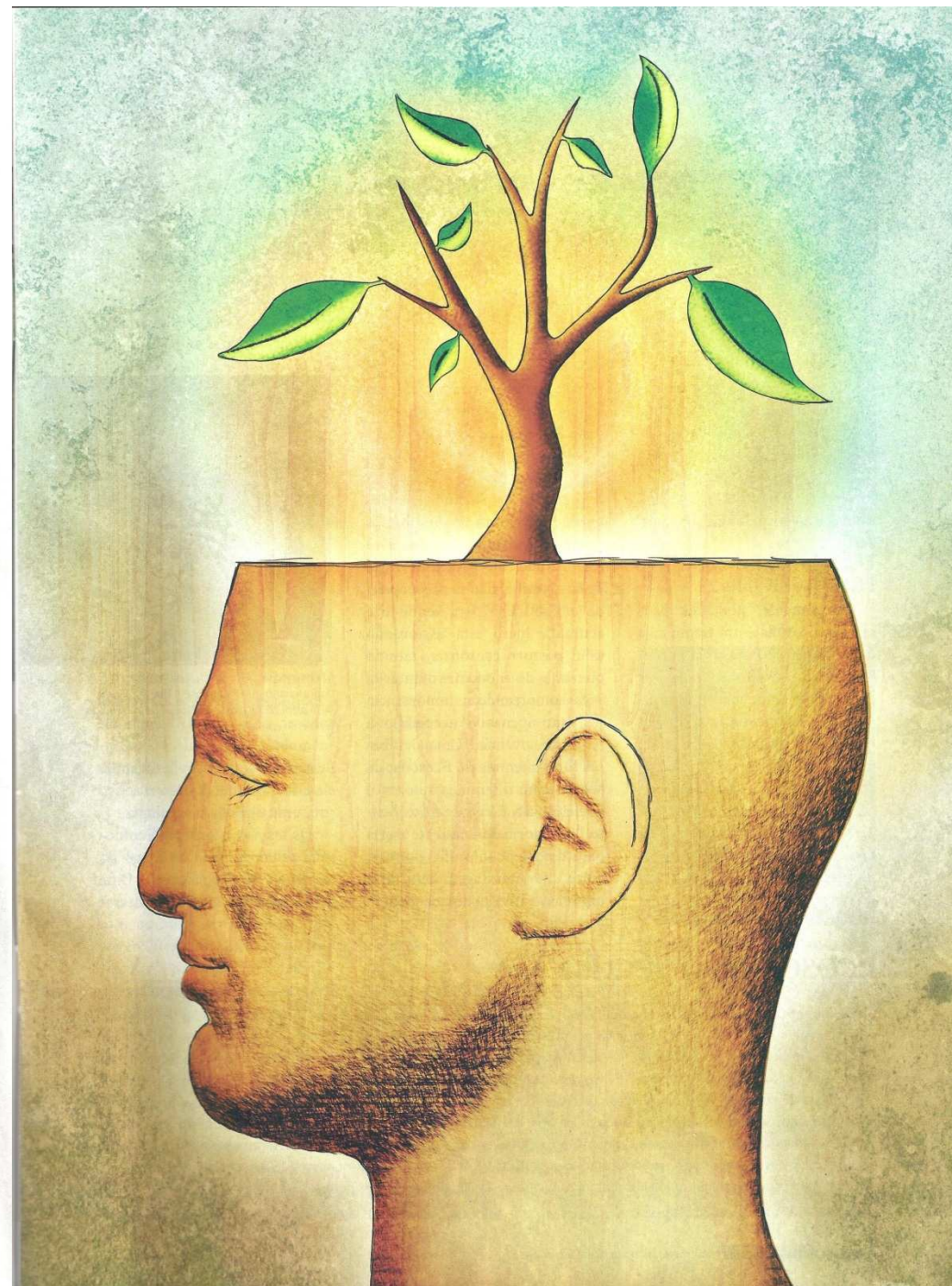
Mais que uma reflexão sobre a Ecologia, a Ecosofia – termo que encontra respaldo em Naess e Guattari –, busca ações concretas por meio de militância política e leva em conta a interação do homem com o meio ambiente



ALEXEY DODSWORTH-MAGNAVITA, MESTRANDO EM FILOSOFIA POLÍTICA E GRADUANDO EM ASTRONOMIA, AMBOS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

Ecosofia é um curioso neologismo que ganha vida a partir do fim da década de 60 do século XX. Ainda que não seja possível identificar com certeza o inventor do termo, investigações em livros e artigos dão algumas pistas sobre o contexto de seu surgimento. O uso da palavra *Ecosofia* era amplo entre ativistas da questão ecológica, mesmo em uma época na qual temas ambientais ainda não haviam se convertido em prioridade. Por se tratar de um termo recente, não há um claro consenso de seu significado, sendo possível encontrar as mais diferentes definições. Mas, ao menos em um ponto, a maioria dos autores parece concordar: *Ecosofia* não é apenas uma “filosofia da ecologia”, e sim uma postura ativista e política que objetiva agir no mundo, mais do que simplesmente pensá-lo.

“A Filosofia sempre chega tarde demais”, disse certa vez o filósofo alemão Georg Friedrich Hegel (1770-1831), usando a coruja e seu voo crepuscular como alegoria. Mas não interessa aos ecosofistas a imagem da coruja de Atenas, a alçar voo apenas quando o dia se findou. Há no mínimo duas maneiras de encarar essa associação: na melhor das hipóteses, a Filosofia teria – assim como a coruja – a capacidade de enxergar na escuridão, de ver o que ninguém mais vê e ouvir o que ninguém mais ouve. Mas há também o aspecto triste de tudo isso: haveria pouco, muito pouco que a Filosofia poderia fazer pelo mundo, com sua compreensão tardia, com seu voo que ocorre somente quando o dia já morreu. Limitar-se a explicar o que se passou, decolando apenas no ocaso da vida, não é algo que atraia os ecosofis-





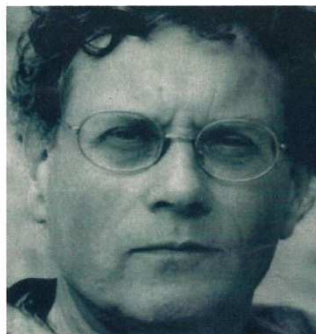
ECOSOFIA NÃO É APENAS UMA “FILOSOFIA DA ECOLOGIA”, MAS UMA POSTURA ATIVISTA E POLÍTICA QUE OBJETIVA AGIR NO MUNDO, MAIS DO QUE SIMPLEMENTE PENSÁ-LO

tas. Nesse sentido, eles parecem se aproximar mais da perspectiva marxista da Filosofia. Para Karl Marx (1818-1883), os filósofos não deveriam mais se contentar em interpretar o mundo, mas teriam a obrigação ética de agir sobre ele.

ECOSOFIA E ECOFILOSOFIA

Inicialmente, podemos pensar que Ecosofia é um termo cuja emergência vem suprir a carência de uma expressão capaz de sintetizar a preocupação filosófica relativamente recente com as questões ecológicas. Entretanto, é mais do que uma filosofia da ecologia (ou uma “Ecofilosofia”). Na Ecosofia, não somos “amigos da sabedoria do ambiente”. A exemplo dos antigos gimnosofistas hindus, a sabedoria é buscada no corpo, nos sentidos, em uma

relação fisiológica com a natureza, não exigindo, portanto, grande erudição, mas sim atenção ao ambiente. E prioriza, sobretudo, uma existência focalizada no necessário, combatendo os supérfluos. Quando um índio, por exemplo, extrai do amapazeiro o leite suficiente para a nutrição de sua família, não se preocupando em retirá-lo para vendê-lo e acumular lucro, está assumindo uma postura ecosofista, mesmo que seja de modo involuntário, pois compreende a importância de tirar apenas o necessário à sua sobrevivência. Uma das bases fundamentais da Ecosofia, de acordo com diferentes autores, é a rejeição a tudo o que é excedente. “Sabedoria do ambiente” seria mais do que Ecofilosofia, pois envolve uma abordagem bem mais orgânica e ativista do que mental.



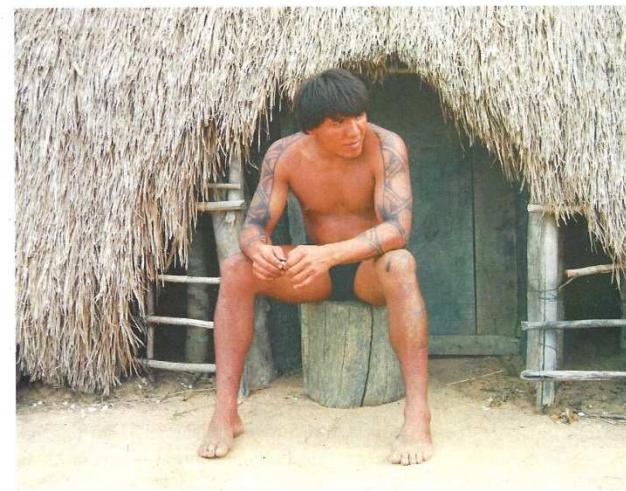
O conceito de Félix Guattari sobre Ecosofia busca concatenar o que é natural e o que é cultural, indo além da proposta de Naess. É a relação do ambiente com o humano

Pensar a natureza, refletir sobre ela e tentar entendê-la seria, isso sim, uma filosofia da ecologia.

Os termos Ecosofia e Ecofilosofia se confundem ao longo do tempo e das publicações. Uma investigação da incidência desses

termos em textos de língua inglesa revela que, até meados dos anos 1990, as duas palavras disputavam dominância, sendo eventualmente referidas como sinônimas. Provavelmente, o texto que mais estabelece relações de sinonímia entre esses vocábulos é o artigo de Alan Drengson (1934), professor de Filosofia da Universidade de Victoria, no Canadá, intitulado *Ecophilosophy, Ecosophy and the Deep Ecology Movement: An Overview* e publicado originalmente em 1997. Drengson, em sua obra, discorre sobre quatro níveis de abordagem em relação à natureza e às questões ambientais. E, embora não diferencie Ecofilosofia de Ecosofia, podemos compreender os dois primeiros níveis como “ecofilosóficos” e os dois últimos – de proposta mais prática – como “ecosóficos”. No nível I, temos as chamadas “premissas iniciais”, fundamentalmente filosóficas, presentes em textos ancestrais importantes que evocam a unidade homem-natureza, sobretudo da cultura oriental (taoismo, por exemplo). No nível II, expressado pelos movimentos apartidários preocupados com questões ambientais, ainda nos mantemos a pensar, refletir e discutir a natureza. O nível III é marcado por políticas e propostas de ação prática, e no nível IV as ações acontecem, muitas vezes implicando protestos, conflitos e desafios às atitudes vigentes, a exemplo do que faz o Greenpeace.

A emergência dos níveis III e IV da Ecosofia, conforme descrita por Drengson, passou a ser uma grande “dor de cabeça” para os governantes do final do século



O índio, em sua forma de viver subsistente, é exemplo de uma postura ecosofista - mesmo sem consciência disso -, já que retira da natureza apenas o necessário à sobrevivência

XX. O que antes dos anos 1960 era considerado nada mais do que um tema excêntrico e *hobby* de alguns tornou-se um dos assuntos mais discutidos da agenda política. Uma miríade de fatores contribuiu para a ascensão da discussão ecológica: a guerra fria e a constante ameaça nuclear, aliada à corrida espacial, que, pela primeira vez, mostrou-nos nosso próprio mundo a partir de um ponto de vista externo: o “pálido ponto azul” no universo, a Terra. E, se por um lado os militantes evocavam a importância de uma postura mais ecossustentável, era fatal que os contra-argumentos surgissem com igual intensidade. Os grandes críticos dos movimentos ecosóficos costumam acusar os ativistas, chamando-os “radicais” por interferirem nos interesses do dito progresso e na economia das nações.



Hegel teria proferido que a Filosofia sempre chega tarde para os problemas reais. Essa ideia é contrária à proposta pela Ecosofia

AS ACUSAÇÕES DE “TECNOFOBIA”

Um dos primeiros textos a utilizar o termo Ecosofia mais amplamente é de 1971 e critica duramente a militância ambiental. Trata-se do livro *In Defense of People: Ecology and the Seduction*

Ecosofia no século XIX

Curiosamente, o texto mais antigo no qual a palavra Ecosofia aparece é numa publicação periódica de 1889 direcionada para dentistas, intitulada *The Dental Cosmos*. O artigo específico, *Origin of Organs of Sense*, escrito por um dentista de nome W. H. Atkinson, trata da diversidade dos organismos vivos e da evolução de seus órgãos dos sentidos, tangenciando o paradigma darwiniano (relação direta entre o organismo e os mecanismos adaptativos ao ambiente), chegando a tecer analogias macrocósmicas ao

se referir à evolução de nebulosas e planetas. No artigo de Atkinson, o termo Ecosofia aparece em uma única citação e sem explicações mais detalhadas sobre seu significado. O autor se refere a uma “necessidade de compreendermos a Ecosofia das funções psíquicas e reprodutivas”. Após essa publicação, há um imenso vazio no que concerne ao uso do termo, que vem a ressurgir apenas no século seguinte, no final dos anos 1960, dessa vez diretamente ligado a questões políticas e ambientais.



A ECOLOGIA
Profunda é um conceito do filósofo norueguês Arne Naess que, com influências do budismo, de Gandhi e de Rousseau, propõe a ação para questões ecológicas, mas com foco no respeito à humanidade

of *Radicalism*, escrito pelo religioso Richard Neuhaus (1936-2009). Neuhaus, ministro luterano depois convertido ao catolicismo e tornado padre, foi conselheiro do presidente George Bush em questões ambientais. Alinhado com o paradigma antropocêntrico religioso, que dispõe o homem como centro do mundo e a natureza como sua serva, Neuhaus criticava o que chamava de “catastrofismo” das militâncias ecológicas e acusava os militantes de tentarem impedir o caminho do progresso. Vale lembrar que a própria *Bíblia* – livro fundamental para compreendermos o pensamento de Neuhaus – explicita a soberania do homem sobre a natureza em *Genesis*: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, so-

bre os animais domésticos, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se arrasta sobre a terra. Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. Para Neuhaus, uma série de interditos propostos pelos militantes ecológicos seriam exageros, e as advertências de que estamos a causar a destruição da natureza não passariam de alarmismos. Para o autor, há muita histeria e tecnofobia por parte dos ambientalistas, pois seria impossível, ao ser humano, destruir a imensidão da obra divina.

Ao menos em um ponto podemos dizer que Neuhaus tem razão: quando falamos em “salvar o planeta” cometemos um equívoco terminológico. Não é o planeta que precisa ser salvo. A Terra

¹Gn 1:26-27

Código florestal, lucro versus preservação: um possível caminho do meio

O equivalente contemporâneo às divergências entre Neuhaus e os ecosofistas pode ser encontrado na polêmica divergência entre a bancada política ruralista no Congresso e os movimentos ambientalistas. Em recente articulação política, propôs-se a mudança do Código Florestal brasileiro, considerado um dos mais rígidos do mundo. A mudança desagradou diversos ativistas ecológicos (ou ecosofistas), por propor ações consideradas absurdas, tais como a redução de áreas de preservação ambiental. Por outro lado, a bancada ruralista argumenta que, em nome do progresso, se faz necessário modificar alguns pontos do Código Florestal. Um dos maiores argumentos dos ruralistas diz respeito à demanda de alimento (grãos) e a consequente necessidade de áreas disponíveis para plantio. Entre aqueles que ambicionavam a alteração alegando a importância do progresso e aqueles que se mobilizaram em prol do veto presidencial a todas as mudanças, alguns poucos achavam possível encontrar uma solução intermediária. E foi o que ocorreu, sem nenhuma grande surpresa, considerando o modo de fazer política da presidenta Dilma Rousseff: mudanças parciais, vetos parciais.

Para o presidente da Fundação Floresta Viva, David Israel, essa questão demanda equilíbrio. Diz ele: “Não podemos transformar todo o Brasil em reservas ambientais, nem podemos permitir o uso indiscriminado pela agropecuária. Não podemos tornar criminosos nossos avós, a lei não pode ser retroativa. Também não podemos simplesmente perdoar os desmatadores dos últimos 20 anos. Tudo deve ser uma questão de bom senso e equilíbrio”.

A Fundação Floresta Viva é uma organização ambiental que tem por objetivo conservar fauna e flora da região amazônica. Eles são responsáveis por variados projetos, dentre os quais uma área de preservação ambiental intitulada “Floresta dos Macacos”, cuja finalidade é resgatar primatas comercializados e reinseri-los em seu ambiente natural. Entre um ideário de preservação ecológica e a realidade de atender a uma demanda que estimule a economia, esta fundação parece ter encontrado o seu ponto de equilíbrio na realização de atividades de turismo ecológico. Uma clara demonstração de que é possível aquecer o mercado sem, com isso, agredir a natureza.



Neuhaus assume a postura de que haveria muita histeria e tecnofobia na questão ambiental, dada a imensidão da obra divina. A vida persistiria independentemente da extinção de espécies inteiras

tem um diâmetro de quase treze mil quilômetros, mas a parte de nosso mundo onde a vida se manifesta corresponde a 0,1% do diâmetro total. Melhor seria dizer que buscamos preservar a biosfera, tomando atitudes que reduzam as agressões ambientais. Destruir a vida na Terra é tarefa deveras improvável. Podemos, evidentemente, extinguir espécies inteiras. A vida, contudo, persiste vigorosamente. E, a despeito de existirem militantes ingênuos que se opõem a toda forma de progresso tecnológico, as consequências de nossas ações antiecológicas são facilmente verificáveis. Basta analisar como a cidade de São Paulo, por exemplo, foi construída com uma desconsideração absurda da natureza e, sobretudo, de seus rios. A despeito das críticas de Neuhaus, o que se viu na esfera política mundial foi uma organização cada vez maior da militância ecológica, a ponto de serem criados partidos cuja bandeira principal envolve a defesa da natureza.

PILARES DOS PARTIDOS VERDES

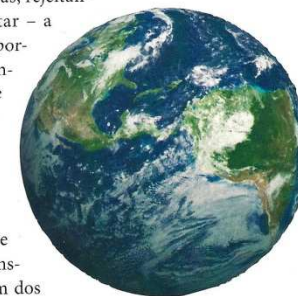
Os chamados “partidos verdes” ao redor do mundo têm seus fundamentos inspirados por um pensador pouco conhecido entre os brasileiros. Trata-se do criador do movimento designado “ecologia profunda”, o filósofo norueguês Arne Naess (1912-2009). Os pilares fundamentais são os seguintes:

1. *Sabedoria ecológica ou Ecosofia* – O propósito principal é reduzir o impacto do ser humano sobre o meio ambiente, buscando formas harmoniosas de coexistência com os outros seres da biosfera terrestre.

2. *Justiça social* – Essa noção leva os partidos verdes a tender para a esquerda, na Política (apesar de, no Brasil, o Partido Verde se definir como “centrista”). A esquerda, conforme observa o filósofo francês Jacques Maritain (1882-1973) em *Le Paysan de la Garonne*, prioriza a justiça em relação à ordem. Essa prioridade leva à posição de que, muitas vezes, é preciso desafiar a ordem em prol da realização da justiça.

3. *Democracia de base* – A maioria dos partidos verdes se inclina para a descentralização das figuras de poder em suas estruturas, rejeitando – ou buscando evitar – a concentração de importância em um único indivíduo. O acúmulo de poder e influência em uma só pessoa contraria totalmente esse pilar fundamental, de acordo com Naess.

4. *Não-violência* – Esse princípio, claramente inspirado no Budismo (um dos





A BUSCA DE MODOS DE COEXISTÊNCIA HARMONIOSA ENTRE A SOCIEDADE HUMANA E A NATUREZA TERMINA POR SER UM DESAFIO. TAL META IMPLICA REAPRENDER SOBRE HÁBITOS DE CONSUMO

maiores interesses de Naess), envolveria não apenas um pacto de não-agressão no sentido físico, mas também – e principalmente – uma disposição pacífica no diálogo com outros indivíduos. A não-violência é constantemente confundida com inação ou não-interferência, o que seria contraditório com o pilar número 2, uma vez que, para evocar justiça, é muitas vezes necessário desafiar o modelo vigente, realizar protestos e passeatas.

A definição de Naess sobre o que é Ecosofia esclarece por que ele não se considera meramente um ecologista ou ambientalista.

Para Naess, estes últimos buscam estudar, classificar e explicar como o meio ambiente funciona. É possível ser um estudioso do ambiente sem assumir nenhuma postura ecosófica, ou mesmo filosofar sobre a natureza sem se envolver em uma militância política. O ecosofista é, sobretudo, um militante político. Diz Naess: “Por Ecosofia quero dizer uma filosofia de harmonia ecológica ou de equilíbrio. A Filosofia como uma espécie de sabedoria é abertamente normativa, pois contém tanto as normas, regras, postulados, anúncios prioritários de valor e hipóteses sobre o estado

de coisas no nosso universo. ‘Sabedoria’ é a sabedoria política, a prescrição, não apenas a descrição científica e a previsão”².

A busca de modos de coexistência harmoniosa entre a sociedade humana e a natureza termina por ser um desafio e uma luta constante, uma vez que tal meta implica reaprender como fazer as coisas e, sobretudo, reeducar nossos hábitos de consumo.

Há, contudo, um dualismo presente no pensamento de Naess que se assemelha ao de seu opositor,

² An Ecophilosophy Approach, the Deep Ecology Movement, and Diverse Ecosophies, publicado no Journal of Ecosophy em 1977.

Neuhaus: ambos pensam “homem” e “natureza” como entidades distintas. Se para Neuhaus o homem é “senhor” da natureza, para Naess a humanidade é, dela, “protetora”.

ECOLOGIA DAS RELAÇÕES HUMANAS

É no pensamento do filósofo francês Félix Guattari (1930-1992) que o termo Ecosofia assume, talvez, o seu sentido mais revolucionário, superando o dualismo presente em Naess. Criticando a distinção (chamada por ele de “ilusória”) entre humanidade e natureza, Guattari concebe a Ecosofia como uma militância capaz de ultrapassar a falsa separação entre “natural” e “cultural”. Essa proposta abarca o pensamento de Naess e vai além, uma vez que considera não apenas a Ecologia do ambiente, mas também das relações humanas, da subjetividade, buscando compreender e demonstrar como tudo isso se encontra conectado.



Para Guattari existem três ecosofias: ambiental, social e a interior. Combater o racismo e a homofobia, por exemplo, seria também uma luta ecosófica

Não obstante essa perspectiva se assemelhe aos conceitos de *holismo*, Guattari se recusa a assumir tal terminologia, preferindo falar em heterogeneidade e diversidade. Uma das razões da rejeição de Guattari ao termo provavelmente concerne ao fato de esta palavra ter sido muito utilizada por movimentos eso-

téticos *new age* nos anos 80 e 90 do século XX, sendo geralmente associada a terapias alternativas. A perspectiva esotérica costuma vincular o *holismo* a crenças religiosas que não reverberam no pensamento marxista de Guattari. Além disso, a imagem de estruturas rizomáticas em constante diferenciação

Rio+20 e mais colchetes...

Passados vinte anos da última conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente, a Eco-92 (ou Rio 92) em que vários países do mundo se reuniram para discutir questões de conservação do meio ambiente e da biodiversidade, a nova conferência que ocorre em junho também no Rio de Janeiro e sob o mesmo tema parece ter trazido mais colchetes que resoluções. Os participantes tentaram chegar a um acordo sobre o texto final “O futuro que nós queremos”. No lugar de pontuar o que não deu certo há 20 anos, os colchetes nesse texto – que são as divergências a serem resolvidas entre os 180 membros – criam novas divergências e pontos que não parecem representar mais que os interesses econômicos de grupos de grandes empresas. É o caso da economia verde (nova proposta da Rio+20), muito atrelada à marrom, pois é uma forma de propiciar a propriedade privada sobre recursos naturais, como os créditos de carbonos.

Com uma megaestrutura de 7 mil funcionários e 100 mil metros quadrados, é difícil não pensar em quão oneroso é um evento como esse e de uma conta a ser paga sem resultados efetivos. O desenvolvimento sustentável não bate com os cálculos da economia e lucro. O saldo desses 20 anos são apenas as convenções (Convenção da diversidade biológica, Convenção da desertificação e Convenção das mudanças climáticas, na Eco 92 e o Protocolo de Kyoto, em 1997, que determina o máximo de emissões a ser emitido pelos países), e muito pouco foi executado.

Qual seria a solução para destravar soluções urgentes para a preservação do meio ambiente? Talvez deixar na mão do mercado, com seus interesses marqueteiros e de necessidade de matéria-prima para suas cadeias produtivas. Parece claro, entretanto, que essas burocráticas e caras convenções não se mostram eficientes e nem como o melhor caminho.

Para adolescentes, o jeito que eles entendem

Obras que instigam a busca pela liberdade de ser, pensar e agir para formar e transformar.

Afinal, a adolescência não é nenhum bicho de sete cabeças.



SOLICITE A
LISTA DE UM
DILIGADOR

www.escalaeducacional.com.br

Central de Atendimento atendimento@escalaeducacional.com.br
11 3855 2175 (São Paulo - Capital) • 0800 772 2120 (demais localidades)



SOA HIPÓCRITA, PARA GUATTARI, QUE ALGUNS DEFENDAM COM TANTO ARDOR A DIVERSIDADE DA NATUREZA, MAS NÃO APOIEM A DIVERSIDADE DAS CULTURAS OU MESMO OS DIREITOS HUMANOS

e multiplicidade infinita é bem distinta do modelo de estrutura unificada proposta pelo *holismo*. A Ecosofia de Guattari defende que tudo é múltiplo e tende à diferenciação infinita, rejeitando todo tipo de apego à ideia do uno e da unidade. Se algum dia, no passado distante, tudo já foi uno, o agora e o devir implicam diferenciação constante, infinita. Voltar-se para o uno seria apegar-se ao passado.

Guattari se refere à imagem de “um círculo, que leva a postular a necessidade de fundar uma Ecosofia que ligaria a Ecologia am-

biental à Ecologia social e para a Ecologia mental”³. Suas ideias, sintetizadas no curto e instigante livro intitulado *As Três Ecologias*, busca ultrapassar o que ele chama de falsa ideia de “homem” e “natureza” como entidades distintas. E defende, sobremaneira, uma Ecologia das relações humanas e sociais. A luta ecológica de Guattari, em parte inspirada na filosofia marxista, não defende a natureza em detrimento do humano, uma vez que não concebe

³ Guattari 2000:27

a separação. Soa hipócrita, para Guattari, que alguns defendam com tanto ardor a diversidade da natureza, mas não apoiem com igual vigor a diversidade das culturas ou mesmo os direitos humanos e sua multiplicidade. Combater o racismo, a homofobia, o machismo e toda postura de intolerância à diferença seria uma luta tão ecosófica quanto defender as florestas, os oceanos e a fauna. Ecosofia, para Guattari, é algo que só se realiza quando lutamos não apenas por uma, mas pelas três ecologias: a ambiental, a social e a interior.

Embora as obras de Naess e Guattari apresentem diferenças consideráveis, tanto um como o outro criticou o paradigma antropocêntrico que dispõe a natureza como mero objeto de uso por parte do ente humano. Em ambos os casos, esses filósofos ousam discordar das orientações de *Gênesis*: não somos soberanos na Terra, não somos senhores dos animais, tampouco formamos uma entidade à parte em relação à natureza. Somos, isso sim, um dos incontáveis braços do pálido ponto azul. lilo

PARA SABER MAIS

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1995.

Página oficial da Fundação Floresta Viva: www.ffv.org.br



A Filosofia da Ecologia compreende pensar a natureza, entendê-la e refletir sobre ela. E apesar de Ecosofia e Ecolofilia se confundirem em momentos da história, hoje mostra suas dessemelhanças

INDICAÇÃO DE TEXTOS:

<http://permacursos.wordpress.com/sustentabilidade-x-consumo/>
http://www.baboo.com.br/conteudo/modelos/Sustentabilidade-e-Tecnologia_a43346_z345.aspx
<http://viajeaquela.abril.com.br/materias/rio20-tecnologia-educacao-noticias>
<http://www.ecologiaurbana.com.br/ecologia-urbana/ecologia-urbana-conciliando-tecnologia-e-sustentabilidade/>
http://olhardigital.uol.com.br/blog_post/12670
<http://www.portaleducacao.com.br/informatica/artigos/9882/tecnologia-e-sustentabilidade>
<http://planetaideia.com/index.php/impressora-que-nao-usa-tinta-e-nem-papel/>
http://www.sel.eesc.sc.usp.br/informatica/graduacao/material/etica/private/ciencia_etica_e_sustentabilidade_unesco.pdf
<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/06/brinquedos-unem-tecnologia-e-sustentabilidade-em-feira-de-toquio.html>
<http://pt.scribd.com/doc/97570045/Tecnologia-e-sustentabilidade>
<http://www.tiespecialistas.com.br/2011/06/tecnologia-versus-sustentabilidade-meios-eletronicos-na-economia-de-papel/>
<http://vilamulher.terra.com.br/consumismo-versus-sustentabilidade-13-1-49-52.html>
<http://www.hsm.com.br/artigos/o-consumismo-e-sustentabilidade>
<http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2012/06/sustentabilidade-e-consumismo-infantil-serao-temas-discutidos-na-rio-20>
<http://www.dolceta.eu/portugal/Mod4/-Consumo-e-sustentabilidade-.html>
http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaoIC/Ciencias_Sociais_Aplicadas/Direito/83920-MORGANAFRANCIELEMARQUESDECASTRO.pdf
<http://linoresende.jor.br/consumo-ou-sustentabilidade>
<http://momendereflecao.blogspot.com.br/2011/02/sustentabilidade-e-consumismo-como.html>
<http://consumoesustentabilidade.blogspot.com.br/>
<http://bagarai.com.br/a-sustentabilidade-do-planeta-meio-ambiente-x-consumismo.html>
http://www.terrazul.m2014.net/IMG/pdf/Cartilha_2.pdf
<http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3597.pdf>
<http://jusvi.com/artigos/20207>

INDICAÇÃO DE VÍDEOS:

<http://www.youtube.com/watch?v=HAtJgPODRs4>
<http://www.youtube.com/watch?v=J0qM8oFeFY0&feature=related>
<http://www.youtube.com/watch?v=p1s7Cw2t1qM>
<http://www.youtube.com/watch?v=xDjtY8caFjQ>
<http://www.youtube.com/watch?v=QntxTNKLjRw>
<http://www.youtube.com/watch?v=3aY6nkHqCR4>
<http://www.youtube.com/watch?v=sTiqOurUI-8>

EXEMPLO DE UM TELEJORNAL: <http://www.youtube.com/watch?v=ISI014qP4SA>